

2ª EDIÇÃO



PALAVRAS EM TRANSLAÇÕES

Essa é a segunda, das quatro publicações do Mapa da Palavra.BA, e é um convite ao deslocamento sobre relevos diversos, a cartoGRAFIA da literatura na Bahia de agora.

Aqui um passeio sob o sol, dias mais longos, palavras suadas. Laerte e versos afirmativos; Judicéia, Odília, Genera, Verbena; uma caixinha cheia de rostos e um algarismo cabalístico explodindo em redondilhas maiores; largo dona pomba, esquina da “sol de verão” e outros caminhos; rótulos de areia, dedos de sol, banguelas solidões; um livro infinito; casulo e morte. E calor.

Aqui, mais uma portajanela aberta. A possibilidade de acesso a diversos mundos literários, dentro da Bahia. Parte da produção literária que existe no Estado, atualmente, e muitas vezes, encontra-se fora das rotas de leitura.

Difundir esta cartoGRAFIA é promover um diálogo estético, espacial; criando relações entre cidades, artistas, formas de criar. É expor entonações e estilos diversos e apostar na troca de experiências e na reflexão.

O SORRISO DE LAERTE

Alex Simões

MEU CANTO PRAS PAREDES

Alex Simões

**QUARENTA E UMA MULHERES
E UM PARAQUEDAS EM CHAMAS**

João Figuer

O BOLETIM DO SEXTO ANO

Cátia Lantyer

PINTANDO O SETE

Zé Walter

O LONGO CAMINHO DO RAPAZ APAIXONADO

Márcio Junqueira

TRAVESSIA

Markus Viny

SOTEROPOLITADO

Markus Viny

VIDA E OBRA DE LIGIA CORDATO

Saulo Dourado

DESAJUSTE

Érica Azevedo

INSTANTES

Érica Azevedo

O SORRISO DE LAERTE

Alex Simões

porque quando nos sonhos parecia
tudo bem melhor
não era
sonho.

parecia
bem melhor
que a vida
e não valia a pena
que escrevia e desenhava
à pena
a duras penas
não valia

a vida sem sentido
dá avisos
há vida pulsando
o tempo urge
e às vezes dói lembrar

então seguir em frente
desenhando esquinas
com a ponta do salto o pivô
sabendo tudo muito sério
inclusive o sorriso estampado
e a lisura do vestido.

a moda agora é sóbria,
nós não podemos ser.

é uma questão política:
o contraste é estratégia
de quem milita a alegria.

MEU CANTO PRAS PAREDES

Alex Simões

o preconceito é uma parede enorme
contra a qual desde sempre me empurraram
mas se tentaram e não me executaram
é que aprendi bem cedo que não dorme

o apontado: preto bicha pobre
no paredão cresceu e ficou forte
ainda com a dor que o véu da morte
bem do seu lado alguns amigos cobre

e é por eles que não me vitimo
nem quero mais derrubar a parede
apenas canto para além de um íntimo

desejo: reforçar rizoma e rede
cheia de nós, que não estou só, sou vivo.
picho a parede: verso afirmativo.

QUARENTA E UMA MULHERES E UM PARAQUEDAS EM CHAMAS

João Figuer

Judicéia colocou a saia dourada por cima da calcinha amarela, para atrair prosperidade. Não teve dúvidas sobre a cor da blusa, deveria ser branca, como as flores que carregava para enfeitar a mesa do jantar. Tinha discutido com o marido horas antes. Fuçou o celular e leu uma mensagem de uma tal Rosália dizendo “vem ser feliz no meu ano novo”. Quem era essa abusada? Ficou bastante irritada, mas ainda assim preparou o jantar da virada com capricho. Colocou a mesa à porta de casa, de onde se podia avistar a baía, e convidou os vizinhos e amigos. Bebeu tanta sidra que passou da conta. Logo depois da contagem regressiva, quis mostrar a calcinha amarela para o vizinho candidato a vereador. Levou um tabefe do marido e foi chorar no quarto. A salada de maionese azedou, mas o salpicão de frango estava realmente uma delícia.

01/01/14

Odília chorou com a carta nas mãos. Foi mais um choro de resignação que de sofrimento. Havia ali, naquele instante, uma resolução da incerteza sobre aquele amor breve e fingido, o fim da aventura para o relacionamento trôpego que começara oito dias antes, na noite de réveillon e, que terminava ali, na textura daquele papel, numa quarta-feira de sol. O desconhecido que a arrebatara veio com o champanhe numa taça vermelha, pouco antes da meia noite, a convidou para dançar bem na ascensão dos fogos, nem deu chance para que pudesse dizer sim ou não. A música de Cole Porter parecia perfeita para aquele momento. Em oito dias fora somente o que fizeram. Dançaram do chão ao teto, rodopiaram sob os lençóis e incendiaram seus corpos naquele quarto vago-bundo de hotel. Até que o mensageiro trouxe-lhe a carta. *Deixe meu homem em paz, ele é casado, pai de oito filhos, suma das nossas vidas.* Ela estava de partida para a sua cidade natal, banho tomado, malas feitas, passagem comprada. Antes de ir-se, deixou outra carta na recepção e pediu que fosse enviada à remetente. *Paz se escreve com z, minha senhora, sinceramente. O.*

08/01/14

Genecira não tinha esperança por dias melhores. O ano nem bem começara e já se sentia cansada, desprovida de graça e um tanto desencorajada pela vida. O calor também não ajudava muito, até que um dia apareceu um estranho na porta da sua casa vendendo um elixir que prometia milagres. Curava bronquite, colesterol alto, sinusite, inflamação no útero, pressão alta, gastrite e mal de amor. Ouviu aquilo tudo sem prestar muita atenção, olhava apenas as mãos do homem, fortes, calejadas, masculinas. *O senhor é casado? Sou não. O senhor é natural de onde? Rio de Contas. Quer entrar? Para quê? Para deixar o tempo passar...* O diálogo acabou ali. Nunca tomara do tal elixir, o homem também não, sabiam que de nada adiantava, mas acreditavam na última coisa que prometia e fizeram disso um milagre particular.

11/01/14

Verbena nasceu homem em 15 de janeiro de 1972. Até os sete anos de idade foi criada como tal. Aos quatorze, decidiu que seria uma moça. Vestiu calcinha, saia, blusa, sutiã e ajeitou os cabelos. Apanhou um bocado, na verdade, apanhou muito. Dia sim, dia não. Aos vinte e um anos, cansada de tudo, foi à luta e exigiu respeito. Entrou para a faculdade e tornou-se médica. Doutor Emerson, mais conhecido como “aquela doutora”. Aos vinte e oito, foi para a Tailândia e fez a cirurgia de redesignação sexual. Aos trinta e cinco, casou-se com um militar sensível e apaixonado, que chora assistindo final de novelas e faz cafuné em sua cabeça para que adormeça. Hoje, no aniversário de quarenta e dois, pensa em adotar um menino e ir morar numa casa em Arembepe.

15/01/14

O BOLETIM DO SEXTO ANO

Cátia Lantyer

Clarita cursaria o sexto ano.

Todos os amigos – e também seus irmãos – preveniram a menina de que esse seria o ano escolar mais difícil de sua vida.

– Você não sabe o que lhe espera! – avisou Dido, o mais estudioso de seus irmãos.

Na segunda-feira, vestindo uma camisa quadriculada marrom e branca, de colarinho e com um bolso do lado esquerdo, um short preto com listras laterais brancas, calçando as sandálias de borracha de sempre, Clarita recebeu uma missão de sua mãe:

– Vá até aquela casa que fica na praça, onde está escrito Foto São José, e se deixe fotografar em tamanho três por quatro. – e, estendendo a mão, completou – Tome aqui o dinheiro!

Uma dessas imagens serviria para ser colada na capa de seu mais esperado boletim, o do sexto ano. Para a Foto São José, Clarita se debandou correndo.

Três foram os comandos:

– Levante o queixo, suspenda os ombros e não pisque.

Finalmente, o fotógrafo anunciou que seu trabalho estava terminado.

– Prontinho!

Clarita se levantou, entregou a ele um canudinho de dinheiro e o homem se pôs a preencher um recibo com o carimbo PAGO, em letras grandes e azuis. Enquanto escrevia, anunciava:

– A impressora está quebrada, mas em cinco dias estará tudo pronto. Volte para buscar! E, por fim, referindo-se a ela como a um garoto, perguntou o nome que deveria escrever naquele papel.

– Fala aí, moleque! Qual é o seu nome?

Sem achar que deveria punir aquele homem por ser tão grande e ainda não saber diferenciar um menino de uma menina, e já que, afinal, não se apresentara num lindo vestido rosa, contrariando as regras que, na verdade, sua mãe nunca estabelecera, Clarita resolveu que eram sua mãe e a praga dos piolhos as únicas responsáveis por aquele divertido engano.

Se aquele homem que esteve com ela por cerca de dez minutos, pensou que Clarita fosse um menino, ela decidiu ser o que o fotógrafo viu, e respondeu:

– Tito. – este era o nome de seu outro irmão.

Depois de esperar cinco dias, Clarita voltou à Foto São José, estendeu a mão com o recibo, entregando-o ao mesmo homem que a havia fotografado. Ele abriu uma caixa cheia de rostos e, sem revelar como, rapidamente retirou uma embalagem plástica verde, na qual quatro imagens do rosto de Tito apareciam de um lado e mais quatro imagens do outro, todas iguaizinhas. Depois, colocou-as dentro de um saquinho branco, semelhante a um saquinho de pipoca, e perguntou:

– Seu irmão?

– Sim! – disse Clarita, sem titubear.

E a menina voltou para casa feliz com a foto de seu boletim que, de cara, prenunciava que naquele ano escolar, coisas inacreditáveis iriam acontecer.

PINTANDO O SETE

Zé Walter

Hoje vou pintar o **7**
Falando deste algarismo
Chamado de cabalístico
Coberto de misticismo
Que vem desde a antiguidade
Como curiosidade
E complexo simbolismo.

.
O tema foi sugerido
Por anônimo remetente
Pedindo para fazer
Sobre esse assunto envolvente
Um sugestivo cordel
Nas rimas do menestrel
Que brotam da minha mente.

.
Logo me pus a pensar
Como atender ao pedido
Certamente, inusitado
Mas sendo bem recebido
Apesar do calafrio
Que causou o desafio
De não ser correspondido.

.
Dizem ter sido Pitágoras
Filósofo grego, afamado
Que ao falar sobre o **7**
Ele teria afirmado
Ser **poderoso e perfeito**
Completando o seu conceito
Seria o **7 sagrado**.

.
Em várias religiões
Esse **7** está presente
Como na Sabedoria
Do Ocidente ao Oriente
Entre a Numerologia,
Crendices, arte, magia,
Misterioso e potente.

.

Irei por esses caminhos
Para compor cada verso
Minerando as minhas rimas
Nas jazidas do Universo
Com a riqueza do **7**
Pois este cordel promete
Fazer bastante sucesso

.
Agora pra começar
Nas peripécias do jogo
Juntam-se os quatro elementos
A terra, água, ar e fogo
Com **Pai, filho e Espírito Santo**
Que somam **7**, portanto,
Ouvindo as musas meu rogo.

.
7 Leis Universais
Natureza e Harmonia
Depois vem **Correspondência**
Evolução sendo a guia
E com a **Polaridade**
Em **Manifestação**, há-de
Ter-se o **Amor** em sintonia

.
7 notas musicais,
Escalas, pausas, valores
Somam **7** em cada qual
Reinos dos compositores
Ao comporem seus prelúdios
Nos mais diversos estúdios
Cultivando os seus pendores.

.
Nas sagradas escrituras
7 capitais pecados
A soberba, ira, luxúria
Com mais 4 consagrados
Inveja, gula, avareza
E a **preguiça**, com certeza
Na mira dos condenados.

.
São também 7 virtudes
Fé, caridade, esperança,
Prudência, Justiça, força,
Completando, a **temperança**,
No seio da humanidade
Em plena fraternidade
Pra se viver na bonança.

.

Os sacramentos da Igreja
São **7** na liturgia
Batismo e Confirmação,
Penitência, Eucaristia,
Ainda, **Unção dos enfermos,**
Ordem e Matrimônio, os termos
Que a Santa Sé proferia.

.
7 cores do arco-Íris
Um fenômeno natural
Quando aparece no céu
Em refração visual
São 7 cores simbólicas
São sete cores folclóricas
Conhecidas em geral

.
As 7 pragas do Egito
Como foram decifradas
Do sonho do Faraó
Que na Bíblia são narradas
Com sete anos de farturas
E mais sete de agruras
Pelo seu povo enfrentadas.

.
7 dias da semana
7 dias da Criação
E 70 vezes 7
É a conta do perdão
7 palmos de fundura
Medem uma sepultura
Que pra mim não quero não.

.
Os chacras também são **7**
São a energia vital
Com o astral em relação:
Básico, Esplênico, Umbelical
Incluindo o **Coronário**
Completando o itinerário
Cardíaco, Laríngeo, Frontal.

.
7 anões Branca de Neve
7 vidas tem um gato
Casa das 7 mulheres
Continuando meu trato
Com **bota de 7 léguas**
Busco as **7 Maravilhas**
Do Mundo, neste relato.

O LONGO CAMINHO DO RAPAZ APAIXONADO (TRECHOS)

Marcio Junqueira

praça da kalilândia
maria quitéria
habib's da gétulio vargas
rodoviária (em frente às bancas)
esquina da gétulio com j.j. seabra (em
frente ao relógio)
ftc
mac
margem esquerda da presidente dutra
caminho b (morada do sol)
tomé de souza
largo dona pomba
canal
transbordo central
rua de aurora
senhor dos passos
conselheiro franco
beco da energia

jardim externo da matriz
fundo do feiraguay
praça do gastão
margem direita da joão durval
caminho XI (feira 7)
praça do tomba
rua miguel calmon
rua porto seguro
rua itaúnas
rua itabuna
germiniano costa
largo são francisco
a porta do jeca
caminho 40 (feira VI)
módulo 7
esquina da “sol de verão”
antigo campo de são paulo

- ☐ insisto
- ☐ hesito
- ☐ desisto



TRAVESSIA

Markus Viny

Íntima confirmação de pele
em sóbria confirmação de ventos...
Até aqui o que se fez
foi atirar a pedra
sobre o silêncio das janelas omissas
e zerar pegadas: rótulos de areia
em cariadas ferrovias,
avistando no escuro com dedos de sol
e apontando atrás do muro
o mote das espumas...

Do lado esquerdo do peito
deixo meu trunfo percussivo
e me digo palpitante.
Embaixo dessa manga embutida
trago o coringa que me garantirá eternidades
(minha permanência na próxima cilada)
e em minha mão aberta lê-se:
trem fora dos trilhos
riso fora do rosto
risco dentro do tempo
caminho a ser dito nos mares...

SOTEROPOLITADO

Markus Viny

Insisto em ver o mar alto
No asfalto quente das retinas
Com suas evidências salinas
Pelos poros urbanos.

Transpirante , a cidade sincretiza
E espuma suas verdades gasosas
E nos exila atrás das tensas vidraças
E nos isola entre paredes burguesas
Banguelas solidões que se afagam mudas:

Da minha janela indefesa
Manca um sol vadio.

VIDA E OBRA DE LIGIA CORDATO

Saulo Dourado

Muitos condenam a tentativa de interpretar a obra de um autor por sua biografia, pois transformaria a criação apenas em consequência psicológica. Pode-se ainda motivar leitores a virarem detetives em busca de uma associação entre os fatos da vida e os dramas das ficções. Mas, e se a ficção for justamente o sonho reparador do que se vive, o momento em que tudo em instantes se organiza por si só? Vida e obra, em silêncio, compõem então o mesmo homem, sem tornarem-se nele a mesma coisa. É o que remeto à autora chilena Ligia Cordato, hoje na data de seu aniversário, e ao grande amor de toda a vida, Maria Suárez.

Na década de 60, em San Carlos, Ligia conheceu Maria, a filha única de um comerciante com uma professora. Encantou-se como quem se lembra que nasceu do mesmo do que poderia não ter nascido, e isto seria uma pena. A sua aproximação foi aos poucos, como a vontade dela em tê-la ao seu lado. Ela pediu companhia mais próxima apenas dois meses depois, em um degrau de igreja, onde se sentaram juntas e conversaram mais de uma hora. O voo dos pombos as expulsou, qual a imagem de um mau presságio. Não haveria segunda oportunidade de pisarem os mesmos degraus, não naquele verão ao menos.

Uma semana depois Maria partia para Santiago, a pretexto de formar-se professora.

O problema maior, para Lígia, é que a moça dos degraus da igreja um dia voltaria. Sim, era um problema, pois o pior é a mínima possibilidade quando se trata de amor. Ligia puxou as esperanças pelo fio e, por tê-las, esperava, e por esperar, não conseguia comandar os próprios pensamentos a se dirigirem em maior utilidade. Foi exatamente o que ocorreu: ocupação nenhuma era grande, atividade alguma lhe cansava. O amigo a aconselhou:

– Por que não dedica a ela poemas? Aproveite para o bem este ímpeto!

– De onde lhe vêm essas ideias? Onde já se viu gastar o amor em outra coisa que não nele próprio?

A ideia do amigo, no entanto, não lhe saiu, embora não tenha de todo entrado. Na verdade, transformou-se. Decidiu que, mesmo sem nunca ter feito romance, escreveria um com a extensão do tempo em que Maria Suárez ficasse ausente. O assunto não seria a sua amada, nem o seu infortúnio, mas justamente este, o tempo, e o título se tornaria O Rio sobre a Nuvem (1968). Um alívio: enquanto pensava em todos os desdobramentos e os unia, a moça era deixada na distância que lhe era real, voltando em imagens apenas quando a própria Ligia retornava às suas refeições e ao sono.

A volta concreta de Maria aconteceu dois dias após o fechamento do livro. No percurso à estação do trem, Ligia Cordato postou os originais nos correios e prosseguiu a caminhada sem mais qualquer menção às suas páginas. O aceite de uma grande editora ocorreu quando a mulher já esquecia a consistência da trama, os personagens, as digressões. E na mesma semana em que Maria enfim aceitou entrar em sua casa, com tantos movimentos de conquista e um enlaço definitivo, a publicação ocorreu discretamente em uma livraria da província.

Um mês depois o romance já era um fenômeno na capital chilena. Os intelectuais liam com ânimos de juventude e críticos anunciavam em estrondos a chegada de uma autora. A curiosidade sobre Ligia Cordato se concretizou em um vagão do trem apenas com jornalistas, ansiosos por entrevistá-la, fotografá-la, arrancar máximas a se estamparem e se repetirem em círculos de grandes cabeças, com destino a San Carlos.

Para a completa surpresa, a escritora se recusou a responder a maioria das perguntas. Salvo o seu nome completo, o lugar de seu nascimento e a expectativa de uma nova obra. – Para quê mais uma? Vocês já têm tantas, e eu já tenho a minha ocupação. Estamos todos satisfeitos.

Os consumidores dos jornais, ao lerem a reportagem, pensaram que era a um ofício comum que Ligia se referia, algo “menor”, e, decepcionados, logo trataram de esquecê-la como a uma indigna. As polêmicas ficaram apenas entre eles; diziam que havia uma ausência de vigor da mulher em tomar os lugares que almeja. Quanto ao juízo sobre a ocupação, estavam todos enganados, como hoje bem sabemos. A escritora de vinte e nove anos, cabelos lisos até os ombros e traços indígenas falava de Maria, com quem três dias depois desaparecia a cavalo.

Os dez anos que se passaram, entre Viña del Mar e Valparaíso, não ficaram sem escritos apenas por uma coletânea de contos que Cordato publicou, Casa Arbórea (1979). As histórias vieram, como já desconfiávamos, de pequenas viagens que Maria ou Ligia faziam em separado, por obrigações ou tristezas,. A mais longa foi quando Suárez preferiu ficar sozinha na casa dos pais, em uma reconciliação que por fim se deu com a benção do pai antes da morte. É a provável motivação da novela Terra que fecha o livro e que foi adaptado para o cinema.

Em 1985, outra vez Maria precisou ficar fora, desta vez, deitada sobre uma maca de hos-

pital. Era uma doença contagiosa que nunca identificaram ao certo qual, talvez a consequência de uma gripe iniciada entre pecuaristas do norte chileno e que se espalhou em algumas cidades. A única medida foi colocá-la em quarentena no hospital regional de Valparaíso, por tempo indeterminado. Ligia até podia visitá-la com proteções especiais, mas nada que lhe consumasse um ínfimo do imenso tempo que lhe era de direito e de gosto. Recomeçou a escrever.

O seu segundo romance, *Fazem Tanto pelo Sol*, recebeu doze prêmios, três nacionais, cinco em países de língua espanhola e quatro espalhados pelo mundo. Ligia Cordato compareceu apenas às entregas em que se convidasse expressamente Maria e aceitou todas as quantias, o que repercutiu em notas maliciosas ou exaltações de panfleto. A escritora aproveitava as regalias para passar férias com a professora de olhos negros, principalmente após a doença, em que Maria decidira valorizar os movimentos de uma vida que pulsa. A resposta aos jornalistas persistia na boca de Ligia: “A literatura não me interessa. Só escrevo porque é real”.

Apenas há quatro anos, quando a senhorita Cordato completava setenta de idade, ela falou sobre a sua criação. Não nos trouxe, porém, qualquer exaltação pela tradição dos livros ou pela continuidade das escolas e dos gêneros. Estava o público calado ao vê-la subir no altar da igreja, da igreja dos pombos, com um olhar sem retina. Ela tremia o canto do lábio e respirava muitas vezes ao microfone antes de começar o discurso, olhando para os leitores e os curiosos que enfim a presenciavam, no velório de sua amada, Maria Suárez:

- O meu próximo livro será infinito. O seu enredo será a de um planeta que eu imagino longe. Para isso, eu precisarei contar sobre cada planta, cada pedra, cada rio. Também lá há criaturas complexas como nós, que precisarei narrar uma a uma. Então narrar os seus filhos e então narrar os filhos dos seus filhos... E se por um descuido o planeta acaba, se por um desvio a biografia de um cometa lhe atinge, passarei a acompanhar a poeira que lhe sobra pelo universo até se transformar em nova história.

DESAJUSTE

Érica Azevedo

Uma borboleta intrusiva
insiste
entrar no casulo.

O experimento do mundo
fora demasiado doloroso.

INSTANTES

Érica Azevedo

Uma bala
perpassa meu peito
bem devagarzinho...

E sigo cheio de morte
pela vida.



ALEX SIMÕES

Alex Simões é poeta, escritor, professor, performer, tradutor e editor. É autor de “Estudos para Lira” (inédito, Menção no Prêmio Copene, 2001), “Quarenta e Uns Sonetos Catados” (Domínio Público, 2013), “(hai)céuflies” (Esquizo Editora, 2014) e “Contrassonetos Catados & Via Vândala” (Mondrongo, no prelo). Colabora em Revistas Literárias, antologias e em blogs/sites de literatura. Ministra oficinas de poesia, com foco em versificação e ações performáticas em poesia. Recentemente, traduziu o livro “Entonces Daniela”, (Lummen Editora, 2015) e coeditou um número da Revista Organismo.

foto: Lissandra Pedreira

João Figuer é graduado em Direção Teatral pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) com especialização em Educação pela FAMETTIG. É ator, diretor teatral, poeta e agitador cultural. Desenvolve trabalhos com arte-educação e lançou seu primeiro livro em 2011, “De amor, desamor e uma pitada de sal”, tendo lançamento na Bienal do Livro de São Paulo, em 2012. A aproximação com a escrita veio cedo para o autor, que desde muito jovem começou a ler as composições do “poetinha” Vinicius de Moraes. Dentre as influências no estilo e na forma de trabalho, destacam-se, dentre outras, a poesia de Fernando Pessoa, Waly Salomão e revela a admiração pelos escritores Hilda Hilst, Jorge Amado e Miguel Torga. Figuer ministra oficinas de teatro para jovens e adultos e está finalizando seu segundo livro, “41 mulheres e um paraquedas em chamas”.

foto: Tati Freitas



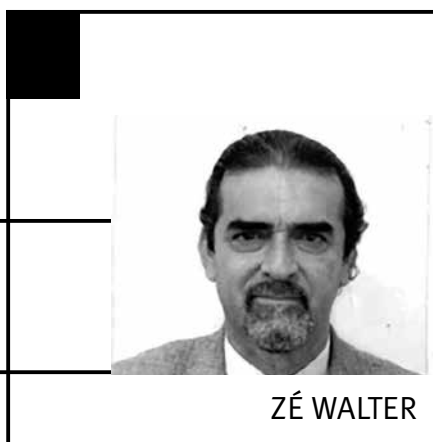
JOÃO FIGUER



CÁTIA LANTYER

Mestranda no “Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura”, da Universidade Federal da Bahia, a baiana Cátia Lantyer desenvolve uma pesquisa pelo viés teórico da Literatura Comparada, com as obras “Onde estará Dulce Veiga? Um romance B”, do escritor Caio Fernando Abreu, e o filme “Cabra marcado pra morrer”, do cineasta Eduardo Coutinho. Cátia também dedica-se à fotografia: recentemente, três de suas obras sob o tema “A urbis e a imagem”, fizeram parte do “Circuito das Artes”, em Salvador. O olhar de Cátia Lantyer está voltado para o sujeito contemporâneo, inadequado, livre e sempre em construção, como também para suas aparições na literatura, no cinema e na arte.

foto: Olhares Fotografia



ZÉ WALTER

José Walter Pires (Zewalter) – nativo de Ituaçu-BA., adotivo e cidadão de Brumado, educador e sociólogo, escritor e poeta, renitente nordestino, amante da literatura, em especial a de cordel, gosto que nasceu nos serões de cultura com os seus irmãos, em sua casa, sob os olhares vaidosos de seu Dadinho e a prudência D. Nita, depois para Salvador, destino dos interioranos, nos idos tempos, em busca da educação e o sonhado caminho da sobrevivência. Membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, ocupando a cadeira de número 21, do seu patrono o poeta paraibano (Solânea), Joaquim Batista de Sena, com posse em 21 de agosto de 2010, em João Pessoa, na Paraíba, com vários títulos e livros publicados, inclusive em grandes editoras nacionais.

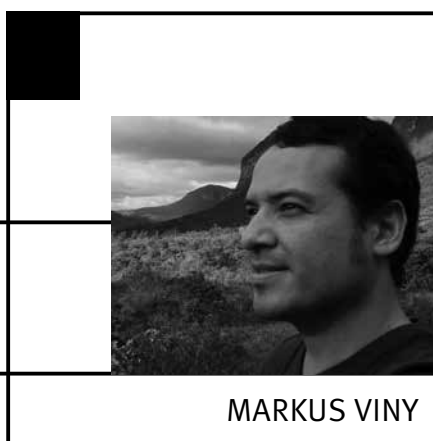
foto: Arquivo pessoal

Marcio Junqueira (Feira de Santana - 1981) é poeta e artista visual. É mestre em literatura brasileira (UERJ/2009) com dissertação sobre Caio Fernando Abreu e a Contracultura. A partir de 2005, começa a desenvolver trabalhos em diversos suportes em torno de: subjetividade; homoerotismo; escritas de si; e autoficção. Edita a Antologia e Coleção Rabiscos e (juntamente com Clarissa Freitas, Lucas Matos e Thiago Gallego) o projeto multimídia Bliss não tem bis. Publicou, em 2015, seu primeiro livro solo LUCAS (Sociedade da Prensa/SSA). Desde 2012, trabalha como professor de Literatura em Língua Portuguesa no campus XVIII da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Vive no Arraial d'Ajuda.

foto: Madiano Marcheti



MARCIO JUNQUEIRA



MARKUS VINY

Poeta baiano, nascido em Feira de Santana, formado em Medicina-UFBA, especialista em Medicina da Família pela SBMFC, pós-graduado em Psiquiatria e membro fundador do Movimento Pela Vida, projeto que vem prevenindo o suicídio de adolescentes no Povoado de Algodões-BA. Lançou, em 2004, seu primeiro livro “A Mar e Outros Verbos” e, em 2008, ganhou o Prêmio CDL de Literatura com seu segundo livro de poesia “A Moça Pintada no Tempo e o Eu Indefinido”. Em 2009, ganhou o Troféu Destaque Nas Artes e Letras-MAC na Exposição NÔMADES. Em 2013, seu poema “Café da Manhã” foi selecionado pelo Prêmio DamárioDacruz de poesia, para participar da coletânea “Outros Riscos” da Fundação Pedro Calmon-SecultBA. Em 2015, seu livro “Os Girassóis da Manhã Seguinte e O Canto Do Pássaro Livre” foi premiado no Concurso Internacional da União Brasileira de Escritores.

foto: Markus Viny



SAULO DOURADO

Nascido em Irecê-BA (1989), vive em Salvador desde a infância. Em 2005, venceu o Prêmio Literário Ferreira de Castro, realizado em Oliveira de Azeméis, Portugal, na categoria Prosa de Jovens Autores. No ano seguinte, na mesma categoria, foi 1º colocado no Prêmio Literário Correntes D'Escrita/Papelaria Locus, de Pávoa de Varzim. Ingressou na Faculdade de Filosofia da UFBA, onde se licenciou e se tornou mestre. Em 2010, passou a colaborar em A Tardinha, suplemento infantil do Jornal A Tarde, e assinou a coluna O Conto que, até o fim de 2015, onde somou oitenta publicações. Com alguns desses contos, venceu os dois editais de Literatura Infantil do Programa Pacto pela Educação do Estado da Bahia e tem o livro “O que não se fala em Kenakina” distribuído em escolas. Publicou também os livros de ficções “O Autor do Leão” (Ed. Domínio Público, 2014) e “O Mar e Seus Descontentes” (Ed. Via Litterarum, 2016).

foto: Daniele Rodrigues

Érica Azevedo é graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), mesma instituição em que se especializou em Estudos Literários e defendeu o mestrado em Literatura e Diversidade Cultural. Publicou seu primeiro livro, Vida em poesias (Edições MAC/ Feira de Santana), em 2002. Participou da coletânea Sangue Novo: 21 poetas baianos do século XXI (Escrituras, 2011), da 10ª Bienal do Livro e da Bahia (2011). Finalista do II concurso literário do servidor do estado da Bahia (2015). Seu livro mais recente é Outros Eus (Kalango, 2013).

foto: Átila Azevedo



ÉRICA AZEVEDO

FICHA TÉCNICA DO MAPA DA PALAVRA

Governo do Estado da Bahia

Rui Costa dos Santos

Secretaria de Cultura do Estado da Bahia (SECULT/BA)

Jorge Portugal

Fundação Cultural do Estado da Bahia (FUNCEB)

Fernanda Maria Coelho da Costa Tourinho

Diretoria das Artes da FUNCEB

Maria Iris da Silveira

Equipe da DIRART da FUNCEB

Gabriela Harrison, Ernanda Peres, Manuela Veloso,

Marília Silva de Moura e Naiara Vieira

Coordenação de Literatura da FUNCEB

Karina Rabinovitz

Assessor da Coordenação de Literatura da FUNCEB

Ramon Arend Paranhos

Equipe da Coordenação de Literatura da FUNCEB

Iolanda Viana Lago, Irla Vanessa Andrade Mota e Urania

Miranda Ferreira

Assessoria de Comunicação da FUNCEB

Claudia Pedreira

Comissão de seleção do Edital Mapa da Palavra.BA

Ana Lúcia Silva Souza, Antonio Carlos de Oliveira Barre-

to, Cide Piquet Barreira Junior, Ivana Teixeira Figueiredo

Gund e Karina Rabinovitz

Revisão

Ramon Arend Paranhos

Projeto Gráfico, Capa e Diagramação

Nila Carneiro

www.mapadapalavra.ba.gov.br